

A PREDESTINAÇÃO DE SÃO JOSÉ E SUA SANTIDADE EMINENTE

Padre Reginald Garrigou-Lagrange, O.P.

Aquele que entre vós todos é o menor, esse é o maior.

(Lc 9,48)



A primazia de São José sobre os demais santos

A opinião de que São José é o maior dos santos após Nossa Senhora está se tornando cada dia mais comum na Igreja. Não hesitamos em enxergar o humilde carpinteiro como superior em graça e glória eterna aos patriarcas e ao maior dos profetas - maior que São João Batista, os apóstolos, os mártires e os grandes doutores da Igreja. José, que se faz o menor na profundidade de sua humildade, é, devido à convergência das virtudes, o maior na altura de sua caridade: "Ele, o menor entre todos vós, é o maior". A primazia de São José foi ensinada por Jean Gerson¹ e São Bernardino de Sena.² Tornou-se mais e mais comum no curso do século XVI. Foi admitida por Santa Teresa d'Ávila, pelo dominicano Isidoro de Isolani, que parece ter escrito o primeiro tratado acerca de São José;³ por São Francisco de Sales, por Francisco Suárez, S. J.,⁴ e, posteriormente, por Santo Afonso de Ligório,⁵ Sauvé,⁶ Cardeal Lépicier,⁷ e Dom Sinibaldi;⁸ trata-se dela muito habilmente no artigo "Joseph" no Dict. de Theol. Cath., de M. A. Michel. A doutrina da primazia de São José recebeu a aprovação de Leão XIII em sua Encíclica *Quamquam pluries* (15 de agosto de 1889).

“A dignidade da Mãe de Deus é tão elevada, que não pode haver outra dignidade criada superior. Entretanto, uma vez que São José foi unido à Santíssima Virgem pelo vínculo conjugal, não há dúvida de que ele se aproximou, mais do que qualquer outro, daquela supereminente dignidade pela qual a Mãe de Deus ultrapassa todas as naturezas criadas. A união conjugal é a maior de todas; por sua mesma natureza, é acompanhada por uma comunicação recíproca dos bens dos esposos. Se então Deus deu São José a Maria para ser seu esposo, ele certamente não o deu meramente como um companheiro

¹ Gerson, *Sermo in Natiuitatem Virginis Mariae*, IVª consideração.

² São Bernardino de Sena, *Sermo I de S. Joseph*, cap. III, *Opera*. Lion, 1960, t. IV, 254.

³ Isidoro de Isolani, *Summa de donis S. Joseph*, 1522. Há uma nova edição, de Padre Berthier (Roma, 1897).

⁴ Francisco Suárez, *In Summam S. Thomae*, IIIa, q. 29, art. 8, arg. 1.

⁵ Santo Afonso de Ligório, *Sermone di S. Giuseppe, Discorsi Morali*. Nápoles, 1841.

⁶ Sauvé, *Saint Joseph Intime*. Paris, 1920.

⁷ Cardeal Lépicier, *Tractatus de Sancto Joseph*. Paris, 1908.

⁸ Dom Sinibaldi, *La Grandezza di San Giuseppe*. Roma, 1927, 36ff.

em vida, uma testemunha de sua virgindade, um guardião de sua honra, mas o fez também participante, pelo vínculo conjugal, da sua eminente dignidade”.⁹

A multidão de cristãos em todas as sucessivas gerações está comprometida com José de um modo real, embora oculto. Tal ideia é expressa na ladainha aprovada pela Igreja:

São José, ilustre filho de Davi
Luz dos patriarcas
Esposo da Mãe de Deus
Casto guarda da Virgem
Sustentador do Filho de Deus
Zeloso defensor de Jesus Cristo
Chefe da Sagrada Família
José justíssimo
José castíssimo
José prudentíssimo
José fortíssimo
José obedientíssimo
José fidelíssimo
Espelho de paciência
Amante da pobreza
Modelo dos operários
Honra da vida de família
Guarda das virgens
Sustentáculo das famílias
Alívio dos miseráveis
Esperança dos doentes
Patrono dos moribundos
Terror dos demônios
Protetor da Santa Igreja

José é o maior depois de Maria!

A razão da primazia de São José

Qual é a justificativa desta doutrina, que tem sido cada vez mais aceita ao longo de cinco séculos? O princípio invocado mais ou menos explicitamente por São Bernardo, São Bernardino de Sena, Isidoro de Isolani, Francisco Suárez e autores mais recentes é aquele simples e sublime, formulado por Santo Tomás ao tratar da plenitude da graça em Jesus e da santidade em Maria: "Uma excepcional missão divina exige um grau correspondente da graça".

Este princípio explica por que a sagrada alma de Jesus, sendo unida pessoalmente à Palavra, a fonte de toda a graça, recebeu a absoluta plenitude da graça. Isto explica também por que Maria, chamada a ser a Mãe de Deus, recebeu, no instante de sua concepção, uma plenitude inicial da graça que era maior do que a plenitude inicial de todos os santos juntos: uma vez que ela estava mais próxima do que qualquer outro da fonte da graça, ela atraiu a graça mais abundantemente. Isto explica também por que os apóstolos que estavam mais próximos de Nosso Senhor do que os santos que os seguiram tiveram maior entendimento dos mistérios da fé. Para pregarem o Evangelho ao mundo infalivelmente, eles receberam em Pentecostes o presente de uma fé mais eminente, mais iluminada e mais firme como princípio de seu apostolado.

“A mesma verdade explica a primazia de São José. Para entender isto devemos adicionar uma observação: todas as obras que são referidas diretamente à Deus são perfeitas. A obra da Criação, por

⁹ Papa Leão XIII, *Quamquam Pluries*, 15 de agosto de 1889.

exemplo, que procedeu plena e diretamente da mão de Deus, foi perfeita. O mesmo deve ser dito de seus grandes servos, a quem ele escolheu excepcionalmente e imediatamente - não através de um instrumento humano - para restaurar a ordem perturbada pelo pecado. Deus não escolhe como os homens. Estes frequentemente escolhem oficiais incompetentes para os mais altos postos. Aqueles a quem o próprio Deus escolhe direta e imediatamente para ser seus ministros excepcionais na obra da Redenção recebem a graça proporcional à sua vocação. Este é o caso de São José. Ele deve ter recebido a plenitude da graça proporcional à sua missão, pois foi escolhido não pelos homens ou por alguma criatura, mas por Deus e somente por Deus para realizar a missão única no mundo. Não podemos dizer em qual momento preciso ocorreu a santificação de São José. Mas podemos dizer que, desde o seu casamento com Nossa Senhora, ele foi confirmado na graça, por causa de sua missão especial".¹⁰

A que ordem pertence a excepcional missão de São José?

A missão de São José é evidentemente mais elevada do que a ordem da natureza - mesmo a natureza angélica. Mas seria simplesmente da ordem da graça, como foi a missão de João Batista, que preparou o caminho da Salvação, e aquela que os apóstolos tiveram na Igreja para a santificação das almas, e aquela missão mais particular dos fundadores das ordens religiosas? Se examinarmos a questão cuidadosamente, veremos que a missão de São José ultrapassou a ordem da graça. Limita-se, pelo seu termo, com a ordem hipostática, que é constituída pelo mistério da Encarnação. Mas é necessário evitar tanto o exagero quanto o eufemismo nesta questão.

A única missão de Maria, sua divina maternidade, tem seu termo na ordem hipostática. Assim também, de certo modo, a missão oculta de São José. Esse é o ensinamento de muitos santos e outros autores. São Bernardo diz sobre São José: "Ele é o servo fiel e prudente a quem o Senhor fez como apoio à sua mãe, o pai adotivo de sua carne e o único fidelíssimo colaborador na Terra em seu grande desígnio".¹¹

São Bernardino de Sena escreve: "Quando Deus escolhe uma pessoa pela graça para uma missão muito elevada, ele dá todas as graças necessárias para realizá-la. Isso se verifica de maneira excepcional no caso de São José, pai adotivo de Nosso Senhor Jesus Cristo e esposo de Maria".¹² Isidoro de Isolani coloca a vocação de São José acima da dos apóstolos. Ele observa que a vocação dos apóstolos é pregar o Evangelho, iluminar as almas, reconciliá-las com Deus, mas que a vocação de São José é mais imediata na relação com o próprio Cristo, uma vez que ele é o esposo da Mãe de Deus, o pai adotivo e protetor do Salvador,¹³ Suárez ensina, no mesmo sentido:

"Certos ofícios pertencem à ordem da graça santificante e, entre eles, o dos apóstolos ocupa o lugar mais alto; portanto, eles necessitam de mais dons gratuitos do que as outras almas, especialmente dons gratuitos de sabedoria. Mas há outros ofícios que tocam ou beiram a ordem da união hipostática, como pode ser visto claramente no caso da divina maternidade da Virgem Santíssima, e é a essa ordem que pertence o ministério de São José".¹⁴

Alguns anos atrás, Dom Sinibaldi, bispo titular de Tiberíades e secretário da Sagrada Congregação para os Seminários e Universidades, tratou a questão com muita habilidade. Ele ressaltou que o ministério de São José pertenceu, em certo sentido, por causa de seu fim, à ordem hipostática: não que São José cooperasse intrinsecamente como instrumento físico do Espírito Santo na realização do mistério da Encarnação - pois sob este aspecto seu papel é muito inferior ao de Maria -, mas ele foi predestinado a ser, na ordem das causas morais, o protetor da virgindade e da honra de Maria, ao mesmo tempo como pai adotivo e protetor da Palavra feita carne. "Sua missão pertence, por seu fim, à ordem hipostática, não por

¹⁰ Cf. "Joseph", em *Dict. Theol. Cath.*, col. 1518.

¹¹ São Bernardo, *Homil. II super Missus est.*

¹² São Bernardino de Sena, *Sermo I de S. Joseph.*

¹³ Isidoro de Isolani, *Summa de donis Sancti Joseph*, pars IIIa, cap. XVIII. Este trabalho foi muito elogiado pelo Papa Bento XIV.

¹⁴ Suárez, *In Summan S. Thomae*, III^a, q. 29, art. 8, arg. I.

meio de cooperação intrínseca física e imediata, mas por meio de cooperação extrínseca moral e mediada (por Maria), que é, no entanto, real e verdadeiramente cooperação”.¹⁵

A predestinação de São José é una com o decreto da Encarnação

A primazia de São José se torna mais clara se consideramos que o eterno decreto da Encarnação cobriu não apenas a Encarnação abstraindo as circunstâncias do tempo e lugar, mas a Encarnação aqui e agora - isto é, a Encarnação do Filho de Deus que, pela ação do Espírito Santo, seria concebido em certo momento pela Virgem Maria, desposada de um homem da família de Davi, cujo nome era José: "Foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão, chamado José, da casa de Davi" (Lc 1,26-27).

Tudo indica, portanto, que São José foi predestinado a ser o pai adotivo do Verbo Encarnado antes de ser predestinado à glória; a razão última é que a predestinação de Cristo como homem à filiação divina natural precede a predestinação de todos os eleitos, visto ser Cristo o primeiro dos predestinados.¹⁶ A predestinação de Cristo à filiação divina natural é simplesmente o decreto da Encarnação, que, como vimos, inclui a predestinação de Maria à maternidade divina e, quanto a José, o ser pai adotivo e protetor do Filho de Deus Encarnado.

Como a predestinação de Cristo à filiação divina natural é superior à sua predestinação à glória e a precede, e como a predestinação de Maria para a divina maternidade precede (in signo priori) sua predestinação à glória, também a predestinação de São José para ser o pai adotivo do Verbo Encarnado precede sua predestinação à glória e à graça. Em outras palavras, a razão pela qual ele foi predestinado ao mais alto grau da glória, depois de Maria, e, em consequência, ao mais alto grau da graça e da caridade, é que ele foi chamado a ser o digno pai adotivo e protetor do Homem-Deus.

O fato de que a primeira predestinação de São José foi una com o decreto da Encarnação mostra quão elevada era a sua singular missão. É o que se considera, ao dizer que São José foi criado e inserido no mundo para ser o pai adotivo do Verbo Encarnado, e que Deus desejou, para ele, um alto grau de glória e graça para prepará-lo para a sua tarefa.



¹⁵ Sinibaldi, *La Grandezza di San Giuseppe*. Roma, 1927, sobretudo p. 36 e ss.

¹⁶ São Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, IIIa, q. 24, art. 1, arg. 2-4.

O caráter especial da missão de São José

Este ponto é admiravelmente explicado por Bossuet, em seu primeiro panegírico do santo:

“Em meio às distintas vocações, identifico, nas Escrituras, duas que parecem diretamente opostas uma a outra: a primeira é a vocação dos apóstolos; a segunda, a de São José. Jesus foi revelado aos apóstolos, para que o anunciassem por todo o mundo. Foi revelado a São José, que deveria permanecer em silêncio e mantê-lo oculto. Os apóstolos são luzes voltadas a fazer o mundo ver Jesus. José é um véu para cobri-lo; e, sob tal misterioso véu, estão escondidas de nós a virgindade de Maria e a grandeza do Salvador das almas. Jesus, que glorifica os apóstolos com a glória da pregação, glorifica José pela humildade do silêncio”.¹⁷

A hora das manifestações do mistério da Encarnação ainda não havia chegado: devia ser precedida pelos trinta anos de vida oculta.

A perfeição consiste em cumprir a vontade de Deus, cada qual conforme sua vocação: a vocação de silêncio e obscuridade de São José ultrapassou a dos apóstolos, porque mais se aproximou da Encarnação redentora. Após Maria, José foi o mais próximo do autor da graça e, no silêncio de Belém, durante o exílio no Egito e no pequeno lar de Nazaré, recebeu mais graça que qualquer outro santo.

Sua missão era dupla.

Em relação a Maria, preservou sua virgindade, contraindo com ela um casamento verdadeiro e totalmente santo. O anjo do Senhor lhe disse: "José, filho de Davi, não temas receber em tua casa Maria, tua esposa, porque o que nela foi concebido é obra do Espírito Santo" (Mt 1,20; Lc 2,5). Maria é verdadeiramente sua esposa. O casamento foi verdadeiro, como explica Santo Tomás ao mostrar sua adequação. Não deveria haver dúvidas, mas luz, no que diz respeito à honra do Filho e da mãe: se alguma dúvida acaso surgisse, José, o mais informado e a testemunha menos suspeita, estaria lá para defendê-la. Ademais, Maria acharia, em José, auxílio e proteção. Ele a amava com um coração puro e devoto, em Deus e para Deus. Sua união foi imaculada, e respeitíssima no que tange a São José. Portanto, ele estava mais perto que qualquer outro santo da Mãe de Deus e Mãe espiritual dos homens - e também ele era um homem. A beleza de todo o universo era nada, comparada à união de Maria e José, uma união criada pelo Altíssimo, a qual arrebatou os anjos e deu alegria ao Senhor.

Em relação ao Verbo Encarnado, José dele cuidou, protegeu-o e contribuiu para a sua educação humana. É chamado seu pai adotivo, mas o termo não expressa integralmente a misteriosa relação sobrenatural entre os dois. Um homem se torna pai adotivo de uma criança normalmente como consequência de um acidente. Mas não era acidente no caso de São José: ele foi criado e colocado no mundo para aquele propósito: era a razão primária de sua predestinação e a razão de todas as graças que recebeu. Bossuet expressa bem essa realidade:

“Se a natureza não proporciona um coração de pai, onde ele será achado? Em outras palavras, dado que José não era o pai de Jesus, como poderia ele ter um coração de pai voltado a ele [Jesus]? Aqui devemos reconhecer a ação de Deus. É pelo poder de Deus que José tem um coração de pai e, se a natureza falha, Deus o dá com suas próprias mãos; pois é em relação a Deus que está escrito que ele dirige nossas inclinações para onde deseja. Ele dá a alguns um coração de carne quando suaviza a sua natureza pela caridade. Não dá ele, a todos os fiéis, o coração de criança, quando lhes envia o Espírito de seu Filho? Os apóstolos temiam o menor perigo, mas Deus deu-lhes um coração novo e sua coragem tornou-se destemida. A mesma mão deu a José o coração de pai e a Jesus o coração de Filho. É por isso que Jesus obedece e José não teme dar ordens. Como tem ele coragem de governar seu Criador? Porque o verdadeiro Pai de Jesus Cristo, o Deus que lhe dá nascimento desde toda a eternidade, tendo escolhido José para ser, no tempo, o pai de seu único Filho, infundiu em seu íntimo algum raio ou centelha de seu próprio amor infinito por seu Filho; eis o que mudou o coração de José, o que lhe deu um amor de Pai; e José, homem justo que sente em si o coração de Pai, sente também

¹⁷ Jacques-Bénigne Bossuet, *Primeiro Panegírico de São José*, ed. Lebarcq, t. 11, p. 135.

que Deus deseja que ele use sua autoridade paterna, e portanto ousa dar ordens àquele que sabe ser seu mestre”.¹⁸

Isso equivale a dizer que José foi primeiramente predestinado a assumir o lugar de pai em relação ao Salvador, que não poderia ter pai terreno;¹⁹ e, em consequência, ter todos os dons que lhe foram dados para que pudesse ser um digno protetor do Verbo Encarnado.

É necessário dizer com que fidelidade guardou São José o tríplice depósito que lhe foi confiado: a virgindade de Maria, a Pessoa de Jesus Cristo, e o segredo do Pai Eterno - o da Encarnação de seu Filho -, um segredo a ser guardado com fidelidade até a hora marcada para a sua revelação?

Em discurso proferido no Salão Constitucional, em 19 de março de 1928, o Papa Pio XI disse, após tratar das missões de São João Batista e de São Pedro:

“Entre essas duas missões, surge a de São José, homem de recolhimento e silêncio, quase despercebido e destinado a ser iluminado somente muitos séculos depois. Silêncio que seria um hino de glória retumbante, mas só após muitos anos. Porém, onde o mistério é mais profundo, é precisamente ali que a missão é mais elevada, e que se faz necessário um cortejo mais brilhante de virtudes, com seu correspondente eco de méritos. Foi uma missão única e sublime guardar o Filho de Deus, o Rei do Mundo; proteger a virgindade de Maria, entrar na participação do mistério oculto aos olhos dos tempos e assim cooperar na Encarnação e na Redenção”.

Isso equivale a afirmar que a Divina Providência conferiu a São José todas as graças que recebeu, em vista de sua especial missão: em outras palavras, São José foi predestinado, antes de tudo, a ser como um pai para o Salvador, e foi então predestinado à glória e à graça que o foram tornando alguém favorecido com tão excepcional vocação.



As virtudes e dons de São José

As virtudes de São José são especialmente aquelas da vida oculta, num grau proporcional ao de sua graça santificante: virgindade, humildade, pobreza, paciência, prudência, fidelidade, simplicidade, fé iluminada pelos dons do Espírito Santo, confiança em Deus e caridade perfeita. Ele preservou o que lhe foi confiado com uma fidelidade proporcional ao seu inestimado valor.

Bossuet faz esta observação geral acerca das virtudes da vida oculta.

¹⁸ Bossuet, *Primeiro Panegírico de São José*, ed. Lebarcq, t. 11, p. 135ff.

¹⁹ Lemos que Jesus foi submisso a Maria e José. Este, em sua humildade, deve ter ficado confuso ao perceber que ele, o menor dos três, deveria ser o chefe da Sagrada Família.

“É uma falha comum dos homens doar-se inteiramente ao que está fora e negligenciar o que está dentro; trabalhar por mera aparência e negligenciar o que é sólido e duradouro; pensar frequentemente na impressão que causam e menos no que deveriam ser. É por este motivo que as mais estimadas virtudes são aquelas que dizem respeito à conduta e direção das coisas. As virtudes ocultas, ao contrário, as que são praticadas longe da visão do público e sob o olhar de Deus apenas, não são apenas negligenciadas, mas sequer conhecidas. E, no entanto, este é o segredo da verdadeira virtude. Um homem deve ser edificado interiormente em si mesmo antes de merecer ser classificado entre os outros; e se esse fundamento estiver faltando, todas as outras virtudes, por mais brilhantes que sejam, serão mera exibição. Eles não farão o homem conforme o coração de Deus. José encontrou a Deus na simplicidade; José encontrou a Deus no desapego; José desfrutou da companhia de Deus na obscuridade”.²⁰

A humildade de São José deve ter aumentado ao pensar na gratuidade de sua vocação excepcional. Ele deve ter dito a si mesmo: "Por que o Altíssimo deu a mim, em vez de a qualquer outro homem, seu Filho para zelar?". Somente porque era de seu agrado. José foi livremente preferido, desde toda a eternidade, sobre todos os outros homens a quem o Senhor poderia ter dado as mesmas dádivas e a mesma fidelidade, para prepará-los para tão excepcional vocação. Vemos, na predestinação de São José, o reflexo da predestinação gratuita de Jesus e Maria. O conhecimento do valor da graça recebida e de sua absoluta gratuidade, longe de ferir a sua humildade, iriam fortalecê-la. Ele pensaria em seu coração: "O que você tem que não tenha recebido?".

José aparece como o mais humilde dos santos depois de Mariamais humilde do que qualquer um dos anjos. Se ele é o mais humilde, ele é por este motivo o maior, pois as virtudes estão todas conectadas e a caridade de uma pessoa é tão elevada quanto a sua humildade é profunda. "Aquele que entre vós todos é o menor, esse é o maior" (Lc 9,48).

Bossuet bem diz:

“Embora por uma extraordinária graça do Pai Eterno ele possuísse o maior tesouro, estava longe do pensamento de José orgulhar-se de seus dons ou fazê-los conhecidos, mas ele se escondeu o mais longe possível dos olhos mortais, regozijando-se apenas com Deus no mistério revelado a ele e nas infinitas riquezas das quais ele é o guardião. José tem em sua casa o que atrairia os olhos do mundo inteiro, e o mundo não o conhece; ele guarda o Homem-Deus, e não diz uma palavra a respeito; ele é testemunha de tão grande mistério, e nele se compraz em segredo sem o divulgar externamente”.²¹

Sua fé não pode ser abalada apesar da escuridão do mistério inesperado. A palavra de Deus comunicada a ele pelo anjo lança luz sobre a concepção virginal do Salvador: José poderia ter hesitado em acreditar em algo tão maravilhoso, mas ele acredita firmemente, na simplicidade de seu coração; com sua simplicidade e humildade, ele alcança alturas divinas.

Segue-se a obscuridade mais uma vez. José era pobre antes de receber o segredo do Altíssimo. Ele se torna ainda mais pobre quando Jesus nasce, pois Jesus vem para separar os homens de todas as coisas para uni-los a Deus. Não há um aposento para o Salvador na última das hospedarias de Belém. José deve ter sofrido por não ter nada a oferecer a Maria e seu Filho.

Sua confiança em Deus foi manifestada nas provações. A perseguição veio logo após o nascimento de Jesus. Herodes tentou matá-lo, e o chefe da Sagrada Família foi forçado a esconder o Menino, para refugiar-se em um país distante, onde ele era desconhecido e onde não sabia como poderia ganhar a vida. Mas ele partiu na jornada, confiando na Divina Providência.

Seu amor a Deus e às almas não cessou de aumentar durante a sua vida oculta de Nazaré; o Verbo Encarnado é uma fonte inesgotável de graças, cada vez mais novas e escolhidas, para almas dóceis que não põem obstáculo à sua ação. Já dissemos, ao falar de Maria, que o progresso de tais almas dóceis é de aceleração uniforme, isto é, são levadas a Deus tanto mais poderosamente quanto mais se aproximam dele. Esta lei de gravitação espiritual realizou-se em José; sua caridade cresceu até a hora de sua morte, e

²⁰ Bossuet, *Segundo panegirico sobre São José*.

²¹ *Idem*.

o progresso de seus últimos anos foi mais rápido do que em seus primeiros anos. Estando mais próximo de Deus, ele foi mais poderosamente atraído por Ele.

Junto às virtudes teologais, os dons do Espírito Santo, que estão unidos à caridade, cresceram continuamente. Aqueles de entendimento e sabedoria fizeram sua vivência de fé mais penetrante e mais sintonizada com o Divino. De uma maneira simples, mas muito elevada, sua contemplação ascendeu à infinita bondade de Deus. Em sua simplicidade, sua contemplação foi a mais perfeita depois da de Maria.

Sua amorosa contemplação foi doce, mas demandou dele o mais perfeito espírito de abnegação e sacrifício, ao relembrar as palavras de Simeão: "Este menino será um sinal de contradição" e "sua alma será traspassada por uma espada". Ele precisou de toda generosidade para oferecer a Deus o Menino Jesus e Sua Mãe Maria, a quem amou incomparavelmente, mais do que a si mesmo.

A morte de São José foi privilegiada. São Francisco de Sales escreve que foi uma morte de amor.²² O mesmo Santo Doutor da Igreja ensina com Suárez que São José foi um dos santos que ascendeu após a ressurreição do Senhor (ver Mt 27,52 e ss.) e apareceu na cidade de Jerusalém; ele afirma também que essas ressurreições foram definitivas, e que José entrou no Céu, então, de corpo e alma. Santo Tomás de Aquino é muito mais reservado a esse respeito.

O papel de São José na santificação das almas

O humilde carpinteiro é glorificado no céu na medida em que esteve escondido na Terra. Ele, a quem o Verbo Encarnado estava submetido, tem agora incomparável poder de intercessão. Papa Leão XIII, em sua Encíclica *Quamquam Pluries*, encontra, na missão de São José em relação à Sagrada Família, as razões pelas quais ele é o patrono e protetor da Igreja Universal: "Assim como Maria, Mãe do Salvador, é a Mãe espiritual dos cristãos, José olha por todos os cristãos que a ele foram confiados. Ele é o defensor da Santa Igreja, que é verdadeiramente a casa de Deus e o reino de Deus na Terra".²³

O que mais nos impressiona no papel de São José até o fim dos tempos é que nele estão unidas prerrogativas aparentemente opostas. Sua influência é universal sobre toda a Igreja, e, ainda assim, como a Divina Providência, desce aos mínimos detalhes: "Modelo e operário", interessa-se por todos os que se voltam para ele. Ele é o mais universal dos santos, e, no entanto, auxilia o homem pobre em suas necessidades diárias. Sua ação é primariamente de ordem espiritual, e, no entanto, estende-se aos afazeres temporais; ele é o apoio das famílias e das comunidades, a esperança dos enfermos. Ele cuida dos cristãos de todas as condições, de todos os países, dos pais de família, maridos e esposas, das virgens consagradas, dos ricos para inspirá-los a distribuir suas posses caridosamente, e dos pobres para auxiliá-los. Ele é atento às necessidades dos grandes pecadores e às almas avançadas em virtude. Ele é o patrono da morte feliz, das causas perdidas; é terrível para os demônios, e Santa Teresa d'Ávila nos diz que ele é o guia das almas interiores nos caminhos da oração. Sua influência é um maravilhoso reflexo da sabedoria divina, que "se estende poderosa desde uma extremidade à outra, e dispõe todas as coisas com suavidade" (Sb 8,1).

Ele foi e continuará sendo revestido em divino esplendor. A graça tornou-se fecunda nele, e ele compartilhará seu fruto com todos os que se esforçam para alcançar a vida que está "escondida com Cristo em Deus" (Cl 3,3).

Extraído de Padre Reginald Garrigou-Lagrange, O. P.,
The Mother of the Savior and Our Interior Life
(Charlotte, NC: TAN Books, 1993), pp. 277-290.
Usado com permissão.

²² São Francisco de Sales, *Tratado do amor de Deus*, I.VII, cap. 13.

²³ Papa Leão XIII, *Quamquam Pluries*.

.....

Tirado do livro:
Consagração a São José. As glórias de nosso Pai Espiritual. Pp. 366-378.
Por Donald H. Calloway.
Ed. Ecclesiae. 2021.